

Resenha

Franz Boas e a Geografia como Ecologia Humana: comentários e tradução.

BARROS, Nilson Crócia de

UFPE - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de Ciências Geográficas.

Email: nilson.barros@ufpe.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7633-3085>

Recebido: 04/06/2024 | Revisado: 07/06/2024 | Aceito: 19/06/2024 | Publicado: 30/06/2024

DOI: 10.5281/zenodo.12535005

O artigo cuja tradução ainda que parcial agora apresentamos e comentamos, intitulado *Sobre o trabalho geográfico – The study of geography* –, foi publicado nos Estados Unidos pelo célebre antropólogo Franz Boas (1858, Alemanha - 1942, EUA) na revista *Science* no longínquo ano de 1887. Podemos francamente entendê-lo como um manifesto moderno e resiliente por uma Geografia ampla nos seus temas, inclusiva nos seus métodos e com nítido caráter de Ecologia Humana. Na ocasião, Boas era o editor da influente revista. Pessoalmente desconheço tradução anterior do artigo ou referências em trabalhos geográficos em língua portuguesa ao texto, que podem até existir, mas a simples evidência da raridade mencionada contrasta com o elevado valor epistemológico do trabalho para a compreensão da riqueza e da complexidade metodológica da Geografia.

Com formação originária nas ciências físicas, Boas entretanto havia se aproximado da Geografia por influência do geógrafo Theobald Fisher (1846-1910), que foi seu orientador de doutorado na U. de Kiel, onde obtém o título ainda muito jovem, aos 23 anos, bem dentro do modelo de carreira acadêmica – um doutorado como pré-condição para o seu início – que se propagaria pelas universidades ao longo do século 20. Boas estabeleceu também intensos contatos profissionais com Frederico Ratzel (1844-1904), o grande líder da Antropogeografia de língua alemã, e em sequência, movido pelos estímulos e no interesse da Antropogeografia, excursionou pelo Canadá. Boas também ocupou modesta posição docente em Geografia na Universidade de Berlin quando iniciava a vida profissional (SPETH, 1999, p.128). À época, a França e a Alemanha, com Frederico Ratzel, Vidal de La Blache e outros, de forma muito interativa, como o aponta

Resenha

Vicente Berdoulay (2017), institucionalizavam a Geografia como Ecologia Humana ou Antropogeografia.

Mas apresenta-se a pergunta que não consegue calar: “ – *Qual a importância deste trabalho de Franz Boas tanto tempo decorrido – 137 anos!!! – da sua primeira publicação?*”.

O artigo de Franz Boas examina a dualidade de estilos cognitivos que compõe o caráter metodológico da Geografia, e, portanto, aborda a identidade da Geografia como ramo do saber. Acreditamos que o texto de Franz Boas coopera na construção de uma compreensão flexível, criativa, inclusiva e compreensiva da Geografia como Ecologia Humana, uma disciplina ao mesmo tempo cosmográfica e geral. A exposição de Boas às ciências físicas e às humanidades ao longo da sua formação certamente oportunizaram a ele as chances de uma compreensão holística da natureza da Geografia.

Nunca é excessivo observar que, durante a institucionalização da Geografia na Alemanha, a Geografia e a Antropologia encontravam-se extremamente próximas, e eram sem sombra de dúvidas disciplinas gêmeas. Estamos então diante da *Antropogeografia*. Um claro exemplo da proximidade entre as duas disciplinas é o trabalho de natureza geográfica e antropológica conduzido pelo antropólogo Theodor Koch-Grünberg (1872, Alemanha – 1924, Brasil) sobre as populações indígenas e o meio ambiente em Roraima, Amazônia. As populações nativas são classificadas associadas aos biomas aos quais se adaptaram, isto na perspectiva da Ecologia Humana. Ambos, Franz Boas e Koch-Grünberg, pertenceram à mesma geração de antropólogos. Este estilo de Geografia, tão irmã do olhar antropológico, prosperou adiante na Escola de Berkeley, Califórnia, com a denominação de Geografia Cultural, sob a liderança de Carl O. Sauer e que exibe fartas evidências de assimilação de reflexões junguianas sobre a cultura. Desta concepção de Geografia hoje podemos reconhecer ecos nas abordagens das populações e regiões tradicionais e nas ideias das reservas extrativistas e dos sistemas agroflorestais no Brasil.

Boas se convenceu, por então, da perspectiva de análise e interpretação da experiência histórica e social que se chamaria *culturalista*, que significava uma visão contraposta à oferecida pelos determinismos físicos e pelos determinismos genéticos, por então hegemônicos. Da maior relevância registrar que Franz Boas exerceu notável influência sobre o pensamento antropológico

Resenha

e regional de Gilberto Freyre no Brasil. Freyre, eminente liderança intelectual luso-brasileira, concedeu abrigo institucional na *Fundação Joaquim Nabuco* – criada por sua iniciativa em 1949 no centenário deste abolicionista – e estimulou o desenvolvimento dos estudos geográficos regionais, ecológico-históricos e de síntese em Pernambuco que são de fato exemplos de trabalhos de Ecologia Humana. Franz Boas ingressou na Universidade da Columbia em 1899, onde nos anos de 1920 orientou os estudos de mestrado de G. Freyre, aí permanecendo até a sua morte ocorrida durante o jantar oferecido pela Universidade em sua homenagem no ano de 1942.

Em “**Sobre o trabalho geográfico**” (1887), por nós aqui traduzido (*extrato*), Boas apresenta a distinção entre o método naturalista ou positivista, por um lado, e o método corográfico ou cosmográfico, por outro, ambos os métodos coexistindo no âmbito da Geografia vista como Ecologia Humana. Doutrinariamente falando, em termos epistemológicos, não havia, portanto, razões para anátemas extremados entre facções metodológicas. Por então, claro, na aurora da Antropogeografia ou Geografia Cultural ou Geografia Humana, o economicismo espacial ou o economicismo sócio estrutural típico dos ambientes da Guerra Fria – que somente se instalaria nos anos de 1950 – não havia ainda infiltrado os seus métodos – para muitos, métodos reducionistas e, portanto, evidentemente antigeográficos! – nos sítios institucionais de produção da disciplina.

A contaminação do pensamento geográfico regional clássico ou ecológico pelo “economicismo” viria a ter lugar nos anos de 1950 e 1960, à maneira de um verdadeiro subproduto da Guerra Fria, como antes afirmado, gerando muitos empregos nos escritórios públicos e nos organismos multilaterais para as expansivas classes médias burocráticas urbanas, inclusive em países em desenvolvimento como o Brasil. Antes da Guerra Fria a disciplina era essencialmente uma Ecologia Humana, uma investigação das bases ou circunstâncias físico-biológicas-antropológicas dos diferentes padrões regionais e das chances de mudanças nas características da cultura e nos assentamentos humanos. A Geografia abrigada na Fundação Joaquim Nabuco, que ecoava as ideias de Boas através da liderança de Gilberto Freyre, a partir dos anos de 1950 possuía este último caráter, e assim ela pode cooperar com os trabalhos de reflexões tropicológicas praticadas nesta instituição.

Resenha

Franz Boas advogava uma compreensão particularmente flexível da Geografia quanto aos seus métodos de trabalho. As técnicas de pesquisa na Geografia, evidentemente, foram profundamente alteradas desde a época de Boas até os dias atuais – seja do ponto de vista dos recursos laboratoriais, da disponibilidade e tratamento das estatísticas climáticas, demográficas, financeiras, sociais, econômicas, seja no aspecto computacional, cartográfico, e assim por diante. Contudo, e evidentemente, cognitivamente falando, queremos dizer que do ponto de vista dos princípios e métodos da Geografia, enfrentamos hoje situações epistemológicas similares às enfrentadas pelo célebre antropólogo germano-americano um século atrás. Aliás, diga-se de passagem, a questão da dualidade entre *Physis* e *Corography* se fazia presente na Grécia antiga (BARROS, 2020) e arriscadamente poderíamos até dizer que o geógrafo cultivado ostenta uma cabeça que é quase um museu.

O texto disponibilizado a seguir não é mais um daqueles de interesse apenas ao paleontólogo literário. Franz Boas ostentava um entendimento plástico, amplo, dos métodos da Geografia, não apartando os diversos estilos metodológicos da própria personalidade do geógrafo, do seu modo ou propensão pessoal cognitiva, na medida em que entendia que o padrão da Geografia que se produziria iria depender da inclinação ou da preferência do cientista predominantemente pelo método naturalista (físico), por um lado, ou pelo método cosmográfico, histórico, por outro. Ou, em termos escalares, se ele estaria interessado na história da humanidade em conjunto (escala planetária) ou apenas na ontologia de uma área, de uma região ou país (escala regional).

Tradução parcial de: The study of Geography.

“Na literatura geográfica recente, vêm ocupando lugar proeminente as discussões sobre os métodos e os limites desta ciência. Quase todos os geógrafos de destaque sentiram a necessidade de expor os seus pontos de vista sobre os objetivos e os procedimentos dos trabalhos em Geografia e o impulso para defender a disciplina evitando que ela se desintegre e seja destruída pela geologia, botânica, história e outras que lidam com objetos similares ou idênticos aos da Geografia.

Resenha

Se os que representam uma ciência tão jovem quanto a Geografia – com tantos e variados temas carecendo estudos – dispõem grande parte do seu tempo em discussões deste tipo, e se sentem compelidos a defenderem o seu campo de estudo contra as invasões dos colegas das ciências vizinhas e dos estranhos, a razão para este fato dever-se-ia procurar numa profunda divergência entre a visão fundamental de ciência dos geógrafos e a visão sustentada pelos seus adversários. (...)

Uma vez estejamos de acordo que o objetivo de cada uma das ciências é atingido quando as leis que governam os fenômenos que cada qual estuda são identificadas, devemos admitir que o objeto de estudo da Geografia se encontra distribuído entre grande número de ciências. Então, se for o caso de assegurar a independência da Geografia, devemos provar que existe ainda outro objetivo na Geografia, objetivo que acompanha lado a lado o da dedução das leis dos fenômenos. E a nossa opinião é que existe sim este outro objetivo na Geografia, que é a completa e detalhada compreensão do fenômeno. Então, entendemos que a controvérsia entre os geógrafos e os seus adversários é idêntica à velha controvérsia entre os métodos históricos e os métodos físicos. Uma parte dos contendores afirma que o fim ideal da ciência deveria ser a descoberta das leis gerais; e a outra parte sustenta que o ideal é a investigação do fenômeno em si mesmo.

Entende-se então com facilidade porque tal controvérsia em termos de compreensão do que seja ciência é especialmente viva na Geografia. Aqui os naturalistas e os historiadores se encontram no mesmo campo de trabalho. Muitos geógrafos modernos foram educados como historiadores, e eles devem tentar chegar a algum entendimento com os naturalistas, que, por seu turno, devem aprender a conciliar as suas visões com aquelas dos historiadores.

Todos concordam que a existência dos fatos é a base e o ponto de partida da ciência. O estudioso do mundo físico compara uma série de fatos similares, deles extraindo o fenômeno geral comum a todos eles. Então, cada fato singularmente torna-se menos importante para ele, uma vez que põe ênfase na simples lei geral. Mas, por outro lado, os fatos são o objeto de importância e interesse para o historiador. (...)

Os naturalistas não negam a importância de cada fenômeno, mas não consideram que tais fenômenos em si mesmos, individualmente, mereçam ser estudados. Os naturalistas tentam se aproximar o máximo da verdade somente mediante uma prova ou uma refutação das leis, dos

Resenha

sistemas e das hipóteses que foram deduzidas dos fenômenos reais, dos fatos. As deduções estão no centro dos seus interesses; a recompensa do persistente e incansável estudioso é supervisionar, desde o alto das deduções mais gerais, o vasto campo dos fenômenos. Com alegria ele verá que cada processo e cada fenômeno que para o ignorante parece conglomerado irregular e incompreensível, é a argola de uma longa corrente. Perdendo de vista o fato singular e individual, ele vê apenas a bela ordem do mundo.

Porém o cosmógrafo caminha no sentido oposto, atém-se ao fenômeno que é objeto do seu estudo, irrelevante ocupe este fenômeno um lugar elevado e de destaque, ou não, no sistema das ciências físicas, e meticulosa e emocionalmente tenta penetrar nos aspectos detalhados deste fenômeno até que cada característica esteja clara. Esta dedicação ao objeto da sua afeição fornece ao cosmógrafo uma satisfação que não é inferior àquela que o naturalista usufrui diante dos seus sistemáticos arranjos do mundo.

Somos levados a concluir que é inútil procurar responder à seguinte questão: “ – Qual dos dois métodos é mais valioso?” Isto porque cada método se baseia num desejo, num impulso diferente da mente humana. Qualquer resposta que ofereçamos será apenas uma opinião pessoal, e de fato a confissão de quem responde pela preferência que tem: sua aproximação e sentimentos pelos fenômenos que o arroteiam, ou a sua inclinação por abstrações. Em outras palavras, uma afeição por reconhecer a individualidade na totalidade, ou, ao contrário, reconhecer a totalidade na individualidade (...)

Nossas considerações nos levam a concluir que a Geografia é parte da cosmografia, e que ela tem a sua fonte no impulso afetivo, no desejo de conhecer os fenômenos e a história de um país ou da superfície da Terra, a morada do homem. O caráter da Geografia vai depender da inclinação ou preferência do cientista pelo método naturalista ou físico, ou pelo método cosmográfico, ou se ele está interessado na história da humanidade ou de apenas um país, uma região. Do meu ponto de vista, é de pouca importância perguntar-se se a geologia ou a meteorologia pertencem à Geografia. E desejo chamar de cientistas todos os geógrafos que estudam a superfície do planeta. Não conferimos à geologia importância maior que a que concedemos a outros ramos da ciência, à diferença do que estão inclinados a fazer alguns cientistas. O estudo da superfície da Terra implica

Resenha

pesquisas geológicas tanto quanto pesquisas meteorológicas, etnológicas e outras, uma vez que nenhuma delas isoladamente cobre totalmente o campo da Geografia.

Muitas são as ciências que podem ajudar a Geografia a representar a superfície da Terra. Muitos são os estudos e as pesquisas que vão sempre complementando a imagem incompleta, e, cada passo que nos vai conduzindo adiante também vai enchendo de satisfação o impulso que nos induz a dedicar o nosso tempo e o nosso trabalho a este estudo: o prazeroso amor pelo país que habitamos e pela natureza que nos cerca”.

Referências bibliográficas:

BARROS, Nilson. **Geografia: história, conceitos e métodos**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2020.

BERDOULAYR, Vincent. A escola francesa de Geografia. São Paulo: Perspectiva, 2017 (Trad. O. Bueno Amorim)

BOAS, Franz. The study of geography. *Science*, n.9, p.137-141, 1887.

KOCH-GRUNBERG, Theodor. **Del Roraima al Orinoco**. Caracas: Banco Central de Venezuela, 1966. (Tradução)

SPETH, W. **How it came to be: Carl Sauer, Franz Boas and the Meanings of Antropogeography**. Washington: Ephemera Press, 1999.